

VII

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

“O Guardador de Rebanhos”,

in **Poemas de Alberto Caeiro**. Fernando Pessoa.



Tatiana Aguiar

Da minha janela vê-se...

Da minha janela vê-se uma alma
De dor e sofrimento
É o reflexo dos meus olhos
Envoltos em padecimento.
Queria poder dizer-te
Eu não sou igual a ninguém
Que sou forte e ambiciosa
Mas a cada passo que dou
O meu corpo estremece
E a minha alma enfraquece
Como um raio que suga o mar
E devora o luar.

Não posso querer ser tudo
Porque o destino
Assim não quer
Cada um no seu lugar
Que eu fico com o que para mim houver.
Habituei-me a fazer escolhas
E a desobedecer às regras
Quero ser uma alma livre
Que desassossega.
Não posso pedir mais nada
Do que a tua honestidade
Ataca-me, insulta-me, atropela-me
Mas diz-me sempre a verdade
Pode não ser o que queria ouvir
Mas para um corpo em efervescência
O que pode ser pior
Que perder a maldita essência?

Inês Rodrigues



Da minha janela consigo ver...

Da minha janela,
Eu consigo ver
Um par de vinhas
Que eu gosto de ter.

Da minha janela,
Eu consigo ver
A Senhora da Graça,
Que é linda de morrer.

Da minha janela,
Eu consigo ver
Um rio bonito
Que é mesmo a valer.

Da minha janela,
Eu consigo ver
Um grande céu azul
Que tem vindo a crescer.

Será que a minha janela
É uma pintura? Ou uma aguarela?
Não! É mesmo a natureza
Na sua máxima beleza!

Isabel Coutinho, 7º B



Da minha janela

Da minha janela vê-se mato
Que significa não ter abstrato
Para fazer um lindo poema
Que para mim é problemático

Da minha janela não se vê vivalma
Nem uma só alma
Só um triste caminhate de quatro patas
Que se aloja nos fundos do mato

Eduardo Martins, 7ºA,

Da minha janela...

Da minha janela é possível ver duas realidades muito diferentes.

A realidade de uma vila vazia e que se tornou muito mais triste, e ao mesmo tempo é possível ver montanhas que sempre tiveram um ar triste com poucas pessoas a habitar nelas.



Os dois locais parecem estar zangados infinitamente, nunca os vi reconciliar-se, quando num está sol no outro está chuva, se num está vento na outra nem a coisa mais leve se mexe. Pelo menos era assim até há alguns dias atrás, mais precisamente o dia 19 de março, que foi quando finalmente pareciam ter-se reconciliado e até agora continuam em união, iguaisinhos um ao outro.

Mas agora, o que mais me impressiona é que parece que a janela é que é mágica e que os dois locais nunca se chegaram a reconciliar porque a mesma paisagem vista da varanda continua como antes, mas vista da janela está harmoniosa. Estou com dificuldades em entender o porquê, pode ser apenas coincidência ou pode ser apenas mais um mistério da vida por resolver.

Bruno Gonçalves, 7º A

A minha paisagem

Da minha janela, vejo uma rua vazia, uma escola sem sinais de alguém.

Da minha janela, vejo bombeiros recolhidos no seu quartel, uma rua sem movimento de carros e de pessoas. Mondim vazio sem ninguém a passear, sem turistas a explorar, sem pessoas na igreja.

Da minha janela, há uns dias atrás eu via vida nas ruas, via as pessoas juntas e alegres e agora as pessoas andam separadas e tristes. Ficam nas suas casas sem poder estar com os seus amigos e até familiares.

Agora só me resta ver o céu azul e a natureza e a esperança de em breve voltar a uma rua cheia de movimento e de alegria.

Rodrigo Veloso, 7º B

Quando olho pela janela



Quando olho pela janela, parece que a única que vejo é o céu. Apetece-me ficar a olhar para ele horas e horas a fio, pois neste momento ele é único e nunca mais o verei assim...

Se há coisa que gosto de fazer é ver o pôr do sol ou até mesmo o nascer do sol, e porque será? Primeiramente, traz-me paz e conforto, não sei bem dizer porquê, mas quando estou perante uma paisagem assim bela e única sinto que é um momento em que paro, respiro e abstraio-me de tudo o que se

passa à minha volta. Por um momento, esqueço os problemas e responsabilidades e foco-me apenas em mim e nas coisas mais simples, que por vezes são as mais belas.

Se tivesse que atribuir alguma característica ao céu provavelmente seria especial ou protagonista. A realidade é que tudo o resto é banal e comum, porque o céu que se destaca e ofusca tudo à sua volta por ser diferente. Muitas vezes olhamos para alguém que se destaca no meio dos outros por algum traço característico e temos a tendência a excluir esse alguém ou então a aproximá-lo. A pergunta é: o que nos faz sentir repulsa ou atração por alguém diferente? Isto que fazemos não faz sentido nenhum pois penso que automaticamente algo que saia do comum é atraente, é único, que desperta curiosidade e interesse.

Se repararmos bem, as nuvens parecem estar em movimento, e estas nunca param mesmo que pareçam paradas. Esta característica assemelha-se à nossa própria vida, se pensarmos bem, nunca em nenhum momento da nossa vida de facto paramos. Temos sempre o que fazer, responsabilidades a cumprir e preocupações a dominar, e no meio disto tudo entramos num stress enorme e só nos apetece desistir de tudo e fugir. Com isto, esquecemo-nos das coisas mais simples, dos pormenores, e, acreditem, que os pormenores fazem a diferença. Quando falo em fugir, significa ir para um local onde ninguém nem nada nos incomode, o nosso refúgio, e a realidade é que não o podemos fazer, portanto temos de arranjar uma solução. Ou aguentamos todo o stress e ansiedade até quebrarmos ou arranjamos um pequeno refúgio e, muitas vezes, para mim o que resulta é estar sozinha, a uma janela ou até mesmo na natureza e observar a paisagem e ouvir o silêncio.

Leonor da Silva Ferreira

A partir da minha janela

Da minha janela veem-se vários aglomerados de casas, para além da vegetação e de vários montes e montanhas que traçam a linha do horizonte. Esta visão é muito comum para as pessoas que vivem em altitude e, devido a esse facto, passa muitas vezes despercebida, ou então é subvalorizada. Na minha opinião esta paisagem é linda para além de ser rara para as pessoas que, por exemplo, moram nas grandes cidades, e é uma pena que a maioria das pessoas não a valorizem nem apreciem.

Pode parecer uma simples paisagem “campónia” mas para mim significa muito. Cada aglomerado de luzes que vemos a partir desta janela é uma aldeia ou um concelho habitado por centenas de pessoas, isto faz-me perceber o quão pequenos e insignificantes somos em comparação com o mundo e com o universo. Este pensamento pode ser a causa de várias crises existenciais, porém para mim passa-me uma sensação de segurança. Quando aparece algum obstáculo na minha vida em que eu acho que a única opção é desistir, penso nas várias pessoas que cada agregado de luzes representa. Provavelmente muitas delas já passaram pelo mesmo que eu, ou por desafios bem piores, e isso não foi pretexto para desistirem. Sendo assim, por que razão haveria eu de desistir?

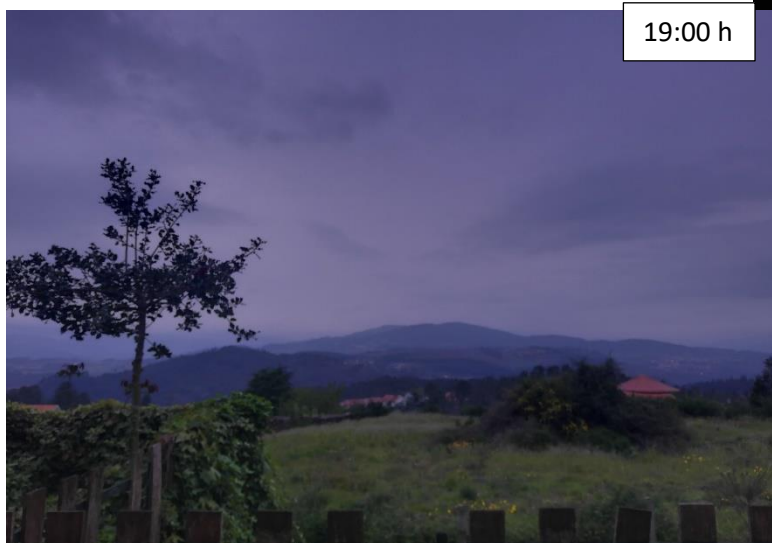
Este cenário também me lembra que tudo é uma fase. Cada dia tem um início e um fim, tal como cada etapa na nossa vida. Esta conceção dá-me forças para continuar, por mais difícil que a fase seja, pois mais cedo ou mais tarde vai acabar, e no futuro eu vou olhar para trás e rir das dificuldades que passo hoje.

Creio que esta visão é de grande valor para mim porque relembra-me das três morais em que acredito :

“ Se alguém pode fazer, eu também posso.”
“Se ninguém consegues fazer, eu posso ser o primeiro.”

” E tudo tem um começo, meio e fim.”

Joana Miguel



À janela...

Confesso que foi fácil escolher uma janela. Não esperava que assim o fosse, visto que adoro todas as paisagens que elas me permitem vislumbrar, desde as mais coloridas até às que de longe não o são. Sei que tenho de tudo e isso permite-me ter uma vasta visão do que se passa à minha volta.

Escolhi aquela a que eu dedico mais tempo, a janela da sala onde é visível a famosa Senhora da Graça. Mas não a escolhi por isso até porque não é a única que a exhibe. Escolhi-a pela sua dimensão. Tem uma enorme varanda à sua frente, o que me permite observar o mundo de vários ângulos. Parar um pouco nesta janela é como dar um tempo às coisas, neste caso a mim própria. O que passa na cabeça de um adolescente, por vezes assusta o próprio. Por enquanto, acolhi esta janela como o meu spot.

Sei que é típico do ser humano haver um sítio que o tranquiliza, mas às vezes faz falta ser comum para saber fazer a diferença. O facto de eu pensar demasiado está a deixar-me sem palavras e a tirar-me a liberdade de escrever o que me ocorre, isto enraivece-me. Estou a tentar escrever algo diferente, estou sempre a tentar ser diferente porque não gosto de ter um rótulo estampado nas costas. Gosto de pensar diferente e de ter uma opinião diferente de todas as que já li/ouvi. Não digo que tento ser diferente por me achar superior a alguém, não é isso, de todo, que estou a tentar transmitir. Tento ser diferente porque não gosto do que vejo e tenho medo de me tornar semelhante a isso, é assustador o facto de um dia podermos tornar iguais ao que não suportamos. Por mais que não queiramos, simplesmente acontece. E quando isso acontecer é porque já não pensamos de forma diferente e queremos ser só mais um igual a outro. E esta janela é a prova disso. Tanto os meus pais como a minha irmã terão uma opinião distinta dela, o que me remete para a diferença humana.

Todos partimos do mesmo ponto de partida, mas nem todos atingimos o mesmo nível. Somos irregulares. Por mais rótulos que nos possam atribuir, haverá sempre a altura de nos mostrarmos indiferentes a isso. Ao abrir a janela, os sons que penetram nos meus ouvidos relembram-me de que preciso de adrenalina. Preciso de desafios e de vontade para os superar. Não encontro o que quero se estiver sentada numa janela a contemplar o que ela me oferece, isto é, preciso dela sim, mas apenas quando tiver a necessidade de refletir, porque relaxar dá-me vontade de desistir. Por outro lado, a paisagem também me fornece, neste caso, alívio e paciência por ser uma imagem calma e quase inativa. Mas eu sei que há sempre ação por detrás de tanta quietude, ou se por acaso não houver, terei muito gosto em ser eu própria a dar-lhe energia. Como faz o dia. As vinte e quatro horas que nos são postas à prova todos os dias, são sempre vinte e quatro horas e não há nada nem ninguém que retire seja o tempo que for ao dia. Ao longo do dia, temos várias oportunidades de dar vida ao nosso tempo porque o tempo é que nos dá a vida. Somos os únicos que o podemos fazer. Mais ninguém. É por esta razão que precisamos uns dos outros, porque se damos vida ao nosso tempo, então daremos tempo ao que nos deu a vida e a tudo o que faz parte dela.

Letícia Brízida

Da minha janela...

Da minha janela vê-se um mundo natural, cheio de horizontes....

Sinto que estou num navio que toma um rumo indeterminado, um azul do céu que me chama, e me diz que tenho um novo caminho, esta brisa que corre sobre o meu rosto transmite-me tanta tranquilidade, faz-me esquecer os problemas. Paro um pouco para pensar e refletir, apenas se ouve o cantar dos pássaros, uma verdura imensa sugere que tudo parece bem, mas na verdade o mundo está tudo menos bem.

O que vejo da minha janela é tudo menos aquilo que corresponde á realidade. Na realidade está o mundo todo assustado, uma azafama imensa, enquanto que da minha janela vejo outro mundo, um mundo natural, cheio de verdura, com uma brisa fresca, com o cantar dos pássaros e parece-me algo perfeito.

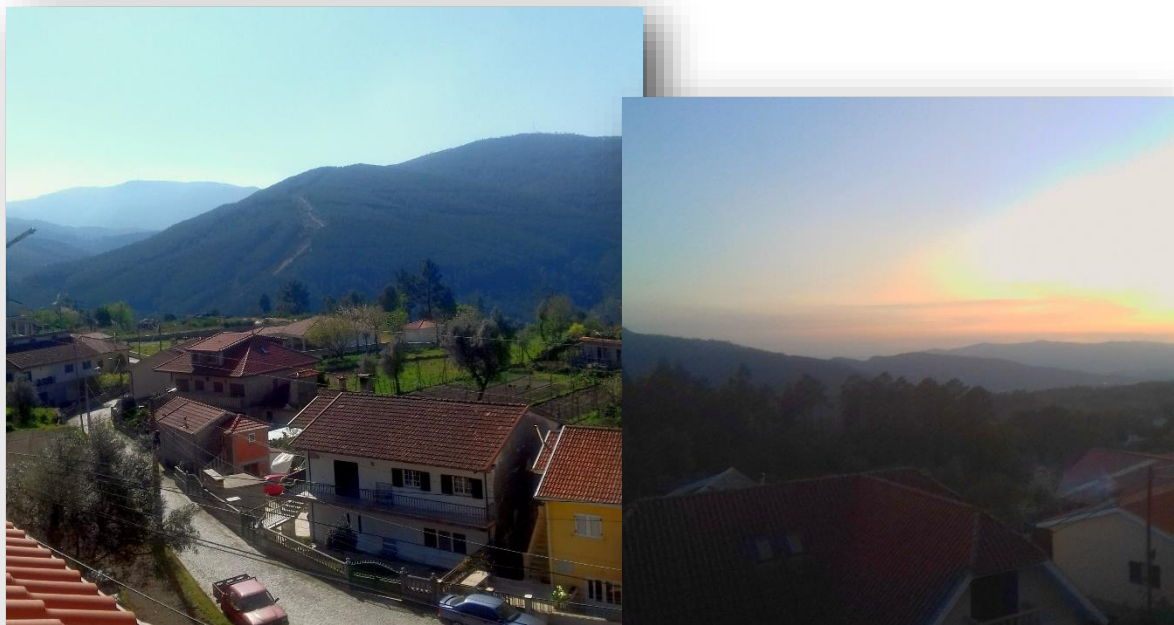
Vejo o horizonte, um novo caminho a seguir, uma jornada de novas oportunidades e, no fundo, um caminho para que possamos ser pessoas cada vez melhores.

Esta junção de cores faz tanto sentido, a verdura dos campos e o azul do céu são duas cores que combinam muito bem e que me fazem refletir e pensar que todos juntos somos melhores, e que todos podemos aprender uns com os outros, que a vida é uma aprendizagem. É muito mais fácil de ultrapassar os problemas juntos, do que individualmente.

Enquanto olho para o horizonte, ouço a música do Miguel Gameiro, que diz “Já me perdi sem rumo certo”. Às vezes é como todos nos sentimos, mas depois há sempre aquela luz lá ao fundo que nos mostra que a vida tem de ser vivida com intensidade, às vezes um simples gesto como um abraço, um carinho fazem toda a diferença no nosso dia, ou até mesmo um simples bom dia ou algo do género. Saber que temos sempre alguém com quem contar, com quem trocar ideias e desabafar, é das melhores coisas.

Carolina Pereira

“Da minha janela vê-se...”



Todos os dias olho pela janela, reparo no que está do outro lado do vidro e fico a pensar em coisas bem aleatórias, por exemplo, penso no que está por trás do monte e o que se veria se ele ali não estivesse. Penso na minha família, entre muitos mais pensamentos que me vêm à cabeça nesses momentos. Sinto-me muito bem só pelo facto de estar à beira da janela.

A primeira imagem faz-me pensar nos momentos que vivi com os escuteiros, dos acampamentos, das amizades feitas, das noites de alegria que passámos, até da comida que se faz, vem tudo à minha cabeça. É também da perspetiva da primeira foto que penso na família, pois é de lá que observo os meus vizinhos e vêm-me à cabeça as saudades de todos os meus familiares, principalmente com o que está a acontecer agora por causa do vírus. Mas também fico a pensar em todos os meus amigos, pois desta perspetiva consigo de noite ver muitas luzes juntas no mesmo lugar e penso que são os meus amigos. Também é quando penso nos que já não estão cá comigo, penso e falo, principalmente, com os meus avós.

É a partir da minha janela que penso na minha vida e nos que fazem parte dela, penso em tudo que me rodeia.

Ana Minhoto

Paisagem



Da minha janela consigo observar o meu vizinho com a sua mulher a plantar milho e, na altura das colheitas, vejo as crianças a brincarem e os irmãos e amigos

a colher.

Por outro lado, a paisagem que consigo ver através da minha janela lembra-me as várias oportunidades que terei na vida e os vários obstáculos que terei de enfrentar para as conseguir alcançar. Muitas vezes, penso também no que será que acontece àquilo que vejo. Serão angústias, desespero, dia a dia de várias pessoas...

Olhar para esta paisagem lembra-me que a esta hora estaria na aula de História a dizer que nunca mais tocava para irmos embora, e agora estou a em casa a fazer um texto para Português.

A vida é mesmo imprevisível. Quem diria que um vírus que começou do outro lado mundo chegaria a Portugal e que teria que ficar em casa, sem saber como seria dali para a frente.... Mas sei que isto é o melhor para todos e que daqui a uns tempos estará tudo bem.

Andreia Campos Martins 10ºB

A minha janela



A minha janela representa a liberdade.

Liberdade de escolha, liberdade de pensamento e a liberdade em ser quem sou.

Vejo o tudo e o nada, vejo o bem e o mal, a justiça e injustiça e, acima de tudo, uma

possibilidade de saída, por mais controversa que seja. Esta saída revela a adrenalina da vida, o viver como se cada dia fosse o último, sentir como nunca sentimos e viver tudo com demasiada intensidade antes de ficarmos longe de tudo e de todos.

Basicamente, nesta vista está contida toda a minha realidade imperfeita, com erros, alegrias, frustrações e todos os sentimentos que já tive ao longo da minha passagem.

Por outro lado, isto tudo é algo muito mais que material, lá fora estão as minhas emoções que eu temo trazer para casa, lá está tudo aquilo que sou, mas não tenho coragem de afirmar ser. Sempre pensei de forma diferente de todos e sempre tive uma personalidade muito diferente da de todos, o que não é uma coisa necessariamente boa.... Através dessas vicissitudes, dou por mim a pensar em tudo, tudo o que faço ou tudo o que digo ou penso e torno-me uma pessoa extremamente autocrítica. Não sei, apenas espero sempre mais de mim em tudo na minha vida, tanto a nível escolar como a nível pessoal. Exijo demasiado de mim e acabo por me sentir a pessoa mais desprezível do mundo. Contrariamente, exijo muito pouco dos outros e o pouco que eles acabam por me dar só me faz sofrer. Lá está, exijo pouco mas espero muito, o típico erro da maior parte da minha vida.

As lembranças apoderam-se de mim, sempre que abro aquele vidro e o vento me lava o rosto, viajo por entre caminhos estreitos e apertados onde só eu e a minha

alma divagamos. Esta sensação é estranhamente boa, pois considero que tudo na vida vem para crescermos e aprendermos. O que seria eu sem os meus momentos de choro e angústia? Nada, apenas uma criança que não sabe analisar a vida devido ao seu caráter inocente. Seria resumida à minha insignificância e ao meu corpo palpável. Não é fácil, eu mais que ninguém sei que não o é, é preciso ter uma enorme coragem para remexer nas coisas infundavelmente negativas do nosso passado. Mas se não tivermos essa força, nunca cresceremos nem nunca enfrentaremos os nossos tormentos.

No fundo, para tudo na vida é preciso ter coragem e isso assusta muito. Pensar que se apenas não possuímos uma característica, não conseguimos viver, revela medo. E se eu não a tiver, que rumo levará a minha vida? Ninguém sabe, porque quando precisarmos desta qualidade, esta irá aparecer não se sabe muito bem de onde, mas nos momentos mais difíceis vamos buscar forças a lugares inacreditáveis.

Nunca pensei escrever sobre estes temas, não sei, é estranho mas isto já não é de agora. Nas alturas mais complicadas da minha vida, a escrita esteve sempre lá presente, daí o meu à-vontade a escrever este tipo de coisas, neste tipo de temas. Na verdade, apenas escrevo o que sinto como qualquer uma das outras pessoas que ocupam o mundo. A única particularidade que esta tem, é serem os meus sentimentos e pensamentos, porque ninguém sente o mesmo nem ninguém pensa o mesmo!

Inês Vasconcelos

Para lá da minha janela ...

Da janela do meu quarto, deparo-me com um dia lindo de sol. Debruço-me para ver melhor ao meu redor, agora com maior pormenor, algo que ainda não tinha feito, apesar de olhar várias vezes através dela.

Que paisagem bonita e calma, vem ao meu pensamento, a grandeza da mãe natureza e que poucos sabem apreciar. Vivo em Trás-os-Montes e apesar de ter a Estrada Nacional, de momento parece que aqui não vive mais ninguém. Ouço alguns pássaros, vejo algumas flores existentes, umas espontâneas outras plantadas por alguém, talvez pela minha mãe, que tornam a paisagem colorida. Os campos verdejantes e com várias cores, amarelo, roxo, ... e nas árvores começam a aparecer as primeiras folhas, deve estar para chegar a primavera, é claro.

Olho um pouco mais longe e consigo ver localidades vizinhas com um enorme arvoredo envolvente.

Na encosta de um monte, existe uma grande fábrica, não sei propriamente de quê! Durante a semana, nessa mesma fábrica, ouve-se uma espécie de sirene, sempre na mesma altura do dia, seja para começar a trabalhar, para sair para almoçar, para entrar depois do almoço e para sair do trabalho, marca assim o horário aos trabalhadores, isso leva-me a pensar sobre a nossa liberdade, como a sociedade nos impõe regras para praticamente tudo. Vejo muitas casas principalmente ao redor da fábrica, o que provavelmente não existiria se ela não estivesse lá...

Simão Pedro

Da minha janela

Da minha janela vê-se paz, tranquilidade e boas energias, tudo aquilo que se precisa para começar bem o dia. Sinto ainda ar puro e natureza, parece até um quadro gigante pintado com verdes de todos os tons.

Quase todos os dias tenho a possibilidade de ver este grande quadro, os únicos dias em que não o vejo é quando decidem pintar todo o verde de branco e aí passa a ser



apenas uma tela à espera de ser pintada. É nestes dias que acordo mais triste, mas mesmo assim arranjo sempre maneira de me alegrar porque a vida não é só a janela deste quarto. Mas é na janela deste quarto que me

refugio sempre que estou mais em baixo ou preciso de estar sozinha, é aqui que carrego as minhas energias e deixo as más.

Aqui faço várias reflexões sobre a vida e quando me apercebo já não sei o que estava a pensar, só sei que quando aqui venho me sinto mais leve e feliz. Quando passo por esta janela e sinto a brisa de ar puro a levar os meus cabelos, sinto-me no paraíso, embora esteja apenas em minha casa. Mas é aqui que eu me sinto bem, me sinto segura, aqui sou a pessoa mais transparente do mundo, esta janela já me viu como ninguém me verá. Foi aqui que cresci, amadureci, lembro-me das noites aqui passadas a ver as estrelas, quando ainda não havia preocupações com nada, mas eu cresci. Agora só me resta agradecer por tudo o que me fez crescer e me fez ser como eu sou hoje, não podia estar mais orgulhosa da pessoa em que me tornei, mas tenho a plena consciência de

que ainda vou ter que crescer muito mais, mas é mesmo por isso que aqui estamos para aprendermos todos os dias e todos os dias sermos pessoas melhores.

Adoro estar sozinha, adoro refletir sobre tudo e todos e, principalmente, adoro falar comigo própria. A solidão não deve ser vista como uma coisa negativa, mas sim como um momento de pensamento, reflexão e tantas outras coisas boas que nos ajudam a crescer e a melhorar o nosso interior. Se não somos nós a melhorar o que não gostamos em nós, quem o fará por nós? É assim que eu penso, não podemos estar à espera que algo de bom aconteça, temos que ser nós próprios a fazer acontecer naturalmente. Mas também não podemos viver obcecados com estes pensamentos, isto são apenas algumas orientações de vida que me têm ajudado bastante. Melhorar a nossa autoestima é algo muito importante, a meu ver, se não tivermos uma boa autoestima nunca vamos conseguir ser felizes e é nestes momentos que a solidão ajuda a melhorar o nosso interior. Não gostamos do que vemos? Fazemos algo para melhorar, há sempre alternativas em tudo, mas desistir nunca pode ser uma delas. É com as nossas quedas que aprendemos a levantar-nos, a sermos mais fortes. Por isso, não devemos ficar tristes com alguma situação má que aconteceu connosco, devemos sim erguermos como nunca e apenas levar uma lição desse acontecimento. É assim que eu penso e é assim que eu vivo e recomendo completamente.

Inês Souto

O que eu vejo da janela

Nesta altura da manhã, que corresponde ser o nascer duma primavera ainda frágil e criancinha, consigo ver através da minha janela a evolução da paisagem que está à minha frente.

Consigno recordar-me do que mudou e do que não mudou. Vislumbro a ribeira, cuja água tão límpida e doce me faz ter vontade de dar um pequeno mergulho, o campo de cultivo, que também é de abrigo para as cabras do pastor, um pequeno monte colorido de várias espécies de flores, onde eu e o meu irmão muitas vezes subíamos quando éramos mais traquinas, as casas e a estrada. Todas estas imagens irão perdurar nas minhas memórias dão-me um ar do papel fantástico que a Natureza nos dá. Ela funciona como uma espécie de “babysitter”, porque ela cuidou-me tão bem que sempre irei tratá-la como uma pessoa.

Mas muita coisa já mudou. Recordo a escuridão do monte à minha frente que destruiu o que era de bom. Agora, a terra queimada, as árvores negras e desfolhadas resultaram das chamas invasoras que ocorreram naquele dia de verão. Com a ajuda do vento, elas dirigiam-se até ao meu lugar sagrado, como se quisessem de modo intencional destruir as minhas memórias ricas em felicidade e alegria.

Sinto que o Universo tem de andar sempre equilibrado, com as coisas boas e más, mas sinto sempre que nunca acaba bem. As coisas más sempre a quererem destruir o que existe de bom, a lembrar aqueles filmes que falam sempre num combate da luz contra as trevas. Foi o que aconteceu naquele incêndio! Os bombeiros e a máquina voadora amarela pareciam as forças armadas do bem que combatiam contra as do mal a fim de minimizar os estragos causados pelo mar vermelho. Mas o que vale é o fim, a vitória frente aos soldados da morte, como acontece na maior parte dos contos que nós ouvimos quando somos mais pequenos. Têm sempre um final feliz, ou quase feliz, porque a Cinderela não se esquecerá dos maus tratos que recebia por parte das suas irmãs e da sua madrasta e isso traumatizá-la-á para o resto dos seus dias. A Branca de Neve lembra-se da experiência de estar morta. Contudo o bem tem o dom de recuperar tudo a pouco e pouco.

Tiago Wang

O que se vê da minha janela...

Da minha janela vê-se uma calma inexplicável. Independentemente da estação do ano ou das horas que sejam, sempre que vou até à varanda, sinto uma enorme paz interior. Não sei por que é que aquela vista me faz sentir assim. Talvez seja porque me faz sentir verdadeiramente em casa ou, apenas, porque o que vejo me agrada, não sei. Só sei que, depois de um dia mais cansativo ou complicado, quando vou à janela esqueço os problemas, os anseios e as preocupações ao meu redor e apenas fico ali. A observar. A existir.

A paisagem do meu quarto assemelha-se em parte a um abraço da nossa mãe ou àquela comida que só a nossa avó sabe fazer. Acredito que estes momentos sejam similares, porque todos eles têm o poder de nos abstrair do que está a acontecer ao nosso redor, fazendo-nos aproveitar mais profundamente o momento em si e, mais importante, transmitindo-nos segurança. Apesar de esta ideia parecer um bocado rebuscada, todos temos algo ou alguém que nos faz sentir desta maneira.

Por isso, a minha varanda é um dos meus “lugares seguros” e que, para além da paisagem que dela vejo me transmitir harmonia, dela vê-se também o mundo, ou pelo menos, o meu mundo...

Joana Fernandes

O que vejo da minha janela?

Todos os dias ao acordar vou à minha janela apreciar a linda paisagem que tenho,



porque esta traz-me paz e tranquilidade, sendo ela calma e cheia de natureza. Da minha janela consigo ver o horizonte e sítios bastante distantes e isso faz-me pensar nos objetivos que preciso de alcançar para o meu futuro e também nos obstáculos que preciso de ultrapassar para obter aquilo que quero.

A melhor parte do dia é sem dúvida a hora do pôr-do-sol e não há um dia em que eu não me sente à janela ou na varanda a vê-lo, porque para mim ver o pôr-do-sol é algo que me traz uma paz interior que eu não sei explicar e parece que naquele momento todos os meus problemas desaparecem e faz com que me sinta muito bem comigo mesma.

É muito importante todos nós apreciarmos a natureza, porque acho que é algo que faz bem à alma de qualquer pessoa que saiba sentir a natureza da mesma forma que eu sinto, e não ficar todos os dias trancada no quarto nos videojogos, mas pelo menos tirar uns minutos todos os dias para olhar pela janela e sentir tudo o que veem.

Tatiana Aguiar

Da janela



A partir da minha janela consigo vislumbrar um mundo completamente diferente, como se fosse um outro mundo alternativo. Com aquela natureza toda, está tudo verdejante, chegou a primavera.

Com o cheiro a árvores, a flores que me fazem lembrar dos passeios longos no meio da floresta, num trilho de terra batida e as árvores a cercar-me e a levantar-se como se me estivessem a receber, e o inconfundível cheiro a pinheiro, com aquele barulho também ele inconfundível dos pássaros a chilrear e os meus pés a marcar passagem naquela terra que há muito não era pisada.

Chega a primavera e a janela fica cheia de pólen. Como não podia deixar de ser, lembro-me de flores, todas coloridas, que vão ser dadas a alguém que faz anos ou alguém triste, que vai recuperar quando olhar para elas com aquelas cores vivas e aqueles cheiros intensos.

E também me lembro da minha infância, quando ficava chocada pois lia nos jornais que a vida podia acabar a qualquer momento devido à poluição e eu olhava extasiada para a minha janela e pensava “com um paraíso destes de certeza que eles estão a falar de outro mundo”. E afinal não estavam, nós somos egoístas ao ponto de estragar estas coisas preciosas e eu sinto-me tão mal por fazer parte de uma espécie que está a destruir a natureza desta maneira.

Quando olho para a janela, através dela sinto-me livre, com uma sensação de cortar a respiração. Como é que o humano não se contenta com tanto? Eu sei o porquê, porque somos gananciosos, queremos sempre mais e acabamos por perder tanto. Um paraíso gigantesco mesmo à frente dos nossos olhos e não nos damos conta.

Aprendi agora o como a minha janela é importante e eu ainda não me tinha apercebido, e só tenho uma questão. Como é que isto ainda não é património mundial?

Elsa Martins

A minha janela



Depois de um dia cansativo, ao fim da tarde, gosto de ir à janela do meu quarto e olhar para o pôr do sol! Faz-me pensar que estou num sítio distante, onde não existem problemas, nem pessoas. É difícil explicar a paz que me transmite olhar para algo tão puro e tão belo. É uma sensação maravilhosa, faz-me sentir mais leve. Quando a minha mãe teve cancro, quase todos os dias pegava numa cadeira ao fim da tarde e sentava-se a ver o pôr do sol e a olhar para o céu, eu ia sempre para a beira dela, ficávamos as duas a vê-lo. De uma certa forma aquilo dava-lhe força!

Agora sempre que posso, sento-me à janela e fico a olhar para ele. Quando estou em baixo e cansada, tranquiliza-me, o que me faz refletir melhor. Quando estou feliz, faz-me sentir completa. às vezes pergunto-me como é que algo pode ser tão perfeito? No entanto, este não é o único momento em que gosto de estar à janela a olhar para o céu. Quando anoitece e o céu está estrelado, gosto de me deitar na cama e ficar a olhar para as estrelas até adormecer.

Dou valor a coisas simples como estas, que no entanto são suficientes para deixarem o meu dia melhor!

Mariana Silva 10^ºB

Da minha janela vê-se.....

Da minha janela vê-se a liberdade
De querer ser tudo e não ser nada
Escondo-me da humanidade...
Dispo-me de angústias
Vejo a filosofia do teu olhar
Ó minha janela querida,
Como de ti eu vejo o luar.
Sou só mais uma que passa por ti
Sou só mais uma que mora aqui
Sabes que não sou nada
Nem livre, nem humana,
Nem filósofa, nem fada...
Sou apenas uma alma penada
À procura de um mar de luz
Onde os corpos se entrelaçam nas estrelas
E o meu coração seduz.
Ó minha janela amada,
Como queria poder dizer-te...
Que sou um corpo estremeado
Com falta de lágrimas e ar.
Se choro ao olhar para ti
Antes chorasse...
Era a única maneira de tirar
De mim a mágoa de não ser nada.
Não sou nada mas sou tudo
Aquilo que o meu olhar diz
O meu corpo nada é mais
Do que um espelho de cicatriz,
Descoberto de amor
Onde a única saída que tenho
É a maçaneta da mente,
a porta, que me tira a dor.
Não digas para eu ir por aí
Porque eu não sei o que quero ser
Sei apenas que algo dentro de mim
Está prestes a adormecer.
Não fiques preocupada
Que eu não saio daqui
Vou só ali entrar noutro corpo
E reencarnar em mim.
Vivi até agora acordada num céu de amor
Agora prefiro dormir,
Despertar e voltar a ser nada
Que de novo sucumbir.
Ó minha janela querida,
Quanta da tua liberdade transbordas para mim
Queria ser como tu....
Estou farta da dor
De viver exilada em valores
E fazer favores
A quem não me dá valor.
Aprendi contigo
A ser livre e a renegar
Pessoas más há muitas no mundo



Mas a mim não me vão atacar.
Posso até trepar estrelas,
Rasgar o céu e o mar
Mas a ti amada janela
Todos os dias vou olhar.
Posso até nem ser quem querias
Mas aceitas-me tal como eu sou
Não escondo a essência do meu ser
Afinal não sou nada, mas tu és a minha amada.

Inês Rodrigues 10ºA